



◊ GEBO E A SOMBRA

Raul Brandão

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Título: O Gebo e a Sombra

Autor: Raul Brandão

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Revisão, diagramação e paginação: Carlos Pinheiro

Ano da edição original: 1923

1.ª edição: dezembro de 2020

Capa: Imagem de Frantisek Krejci por Pixabay

Coleção: Clássicos da Literatura

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons — Atribuição-CompartilhaIgual

CC BY-SA.

Índice

PRIMEIRO ATO	5
SEGUNDO ATO	46
TERCEIRO ATO	94
QUARTO ATO	121

O GEBO E A SOMBRA
PEÇA EM 4 ATOS

PERSONAGENS:

O GEBO, cobrador da Companhia Auxiliar.

DOROTEIA, mulher do Gebo.

JOÃO, filho do Gebo e de Doroteia.

SOFIA, mulher de João.

CHAMIÇO, músico de feira.

CANDIDINHA.

Um polícia e vizinhos.

PRIMEIRO ATO

Casa pobre com janelas e duas portas ao fundo, uma para a rua e outra para a cozinha. Mesa com livros de escrituração comercial. Inverno. Cinco horas. Anoitece.

SOFIA e DOROTEIA

SOFIA, espreitando à janela.

Não tarda por aí... Já se começam a acender os lampiões da estrada. Pobre velho, há de vir cheio de frio. Todo o dia à chuva, toda a vida ao tempo... (*Espreita outra vez.*) Não se vê nada para a rua. O café está quente. (*Olha em roda.*) Deixa-me dar mais luz ao candeeiro... Ah! a manta velha e os sapatos, senão põe-se aí a ralhar por causa dos sapatos... Há quantos anos faço todos os dias as mesmas coisas! (*Baixinho.*) Há quantos anos! (*Para Doroteia que entra.*) O pai hoje demora-se, estará doente?

DOROTEIA

Agora está! Pôs-se para aí a falar com os vizinhos.... Tens tudo arranjado?

SOFIA

Tudo.

DOROTEIA

Logo que ele chegue chama-me, ouviste? Hoje traz notícias.

SOFIA

Notícias de quem?

DOROTEIA

Do João, do teu homem, do meu filho. Ficas na mesma!
(*Vai a sair.*) A manta velha e os sapatos, não te esqueças...

SOFIA

Já ali estão.

DOROTEIA

Bem.

SOFIA

Tudo está nos seus lugares. Os livros... Nos livros não
quere ele que lhe mexam. (*Aproxima-se da janela.*) Tão
escuro já!

DOROTEIA, *saindo para a cozinha.*

Ficas na mesma! Não sei que coração é o teu!

SOFIA

Iludida! sempre iludida! Dissessem-te a verdade a ver se
choravas tantas lágrimas como eu tenho chorado
baixinho, com o cobertor pela cabeça, para que não me
ouçam chorar. Nem chorar podemos eu e o velho para
que vivas iludida. Ainda ele anda, trabalha, esquece, mas
eu fico aqui horas e horas a cismar... (*Apura o ouvido.*) É a
sua voz, são os seus passos. Tosse. Fala com alguém.
(*Olha em roda para se certificar de que tudo está nos seus
lugares, depois sorri e chama.*) Mãe, ele aí vem.

DOROTEIA, *dentro.*

Aí vou, aí vou.

SOFIA

O que ele fala! Com quem virá a falar? (*Para Doroteia.*) Aí vem o pai. (*Batem.*)

DOROTEIA, *ouvindo bater.*

Aí vou homem, aí vou. (*Abrindo a porta.*) Escusavas de bater.

SOFIA, DOROTEIA, GEBO e CHAMIÇO

Gebo traz uma mala de mão e um rolo de papeis debaixo do braço. Chamiço, que fica à porta, cumprimenta cerimoniosamente com o chapéu de palha.

GEBO

Eu não adivinho mulher. Então não entra, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO, *da porta.*

Hoje não, vizinho. Minhas senhoras...

GEBO

Então boa noite e até amanhã. Apareça cedo para o cavaco.

CHAMIÇO

Tenho agora a orquestra que me dá um trabalhão. Só o bombo! O amigo não sabe o que o bombo me rala... já não há arte! Boa noite. (*Sai.*)

GEBO, *para fora.*

Está de rachar pedras hem?

CHAMIÇO, *fora.*

De morrer.

GEBO, *fecha a porta e beija as mulheres.*

Venho com um frio!...

DOROTEIA

Já sei, já sei, entendo-te à légua...

SOFIA

Está ao lume para se conservar quentinho.

GEBO

Não que este ano sempre tem feito um frio! Só me lembro dum ano assim há de haver... Ora espera... há de haver...

SOFIA

Tire as botas, aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E então, viste-o?

GEBO, *sem se recordar.*

Anh! Vi-o?... Vi-o quem?

DOROTEIA

Sim, viste o correspondente do nosso filho? Falaste-lhe?
Tu não disseste que trazias hoje notícias do nosso filho?

GEBO, recordando-se e mentindo atrapalhadamente.

Vi sim, vi! Tu também vens sempre com essas coisas de repente! Nem dás tempo à gente de pensar. Pois está claro que vi. Manda-te muitas saudades.

SOFIA

Aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E está bom?

GEBO

Está ótimo.

DOROTEIA

Tu de antes ainda conversavas, falavas até demais. Agora custa a arrancar-te as palavras da boca. Vou ver se o café está pronto e quero que me contes tudo por miúdo. (*Sai.*)

SOFIA

Pai, não se aflija.

GEBO

Eu é que tenho a culpa, mas sou um esquecido... E devia lembrar-me, coitada... Se ela soubesse! se ela pudesse imaginar sequer!...

SOFIA

Teve notícias?

GEBO

Pior que notícias. (*Mais baixo.*) Pareceu-me vê-lo... Isto não o sabe ela.

SOFIA

O João!

GEBO

Vi uma sombra na noite.

SOFIA

Se o vem a saber!

GEBO

Basta à pobre da velha o que tem sofrido. Mente, Gebo, engana-a, mente hoje, amanhã, sempre, passa a vida a mentir, mas que o não suspeite nunca. Nunca! Deixá-la viver os seus últimos dias feliz. Enganada, mas feliz...
(*Acaricia-a.*) Tudo deixamos, quando fugimos para longe, mudando de terra para que não soubesse... (*Ouvindo passos.*) Chiu! chiu!... (*Tosse, arranja os livros.*)

SOFIA

E sempre a dizer-lhe... sempre...

GEBO

Diz, diz... Sempre a mentir-lhe... E se tu soubesses o que me custa!... Isto filha, é pior do que inventar um folhetim todas as noites. Já não sei o que hei de dizer. Ora aguenta velho, aguenta... Que o não saiba nunca.

SOFIA

E o outro, viu-o?... Se ele vem por aí...

GEBO

Aqui?... Não vem. Se... Nem seria ele. Alguma sombra que desapareceu e mais nada...

SOFIA

Há oito anos...

GEBO

Um desgraçado... Filha, esquece-o. Uma vida monstruosa. Outra vida...

SOFIA

Outra vida?...

GEBO

Sim, uma vida de desgraça...

SOFIA

Diga...

GEBO, *abana a cabeça.*

Não vem, sossega. Já o vi outra vez...

SOFIA

E falou-lhe?

GEBO

Um dia, há muitos anos, numa rua longe — era à noite —
senti que me puxavam para o escuro...

SOFIA

Era ele?

GEBO, olha para dentro e fala mais baixo.

Não me falou. Só lhe vi os olhos. Mas não sei porque, conheci-o logo. Talvez pelo contacto das mãos. Tinha as mãos geladas... Conheci-o logo e dei-lhe o dinheiro que levava. Não dissemos nada um ao outro. Mas eu compreendi-o melhor do que se falasse... Muitos anos desapareceu. Ultimamente é que me sinto seguido e rodeado por uma sombra que nunca se aproxima de mim.

SOFIA

Uma sombra?...

GEBO

Nem será ele... Se fosse ele! Se ela sabe que o filho que criou!...

SOFIA

Conte-me tudo...

GEBO, *apontando para dentro.*

Temos tempo de conversar. (*Suspira, põe os óculos e começa a escrever nos livros*). Não, vou antes copiar estes apontamentos para o Diário. Grande casa esta de exportação, Ramires & Ramires! Ora vejam os senhores este balanço de agosto do corrente, dez contos setecentos e cinquenta mil reis. Já é bonito hein? Ou isto, ou ser cobrador com vinte mil reis mensais e fazer escritas à noite para não morrer à fome. Acabou-se... ora agora... agora... Ah...(*Pausa.*) Tu que dizes?

SOFIA

Nada, cismo. Cismo na desgraça. Cismo no que será a outra vida que ele leva...

GEBO

Não penses nisso...

SOFIA

Talvez seja mal, mas queria compreender o que é essa vida horrível e porque é que ele, sabendo que faz mal...

GEBO

Filha!

SOFIA

Porque é que o mal o atrai e porque é que a sua miséria me atrai também? Para que vive uma vida de desgraça, de dor e de fome?... Há muitas coisas que eu queria saber e discutir e não me atrevo.

GEBO

É melhor assim.

SOFIA

E ela há de vir a sabê-lo...

GEBO

Coitada da velha, se anda para aí iludida para um dia saber tudo e sufocar de lágrimas! Quantas desilusões tem tido pela vida fora! Primeiro a nossa casa hipotecada e vendida naquele ano em que estive desempregado, 1893 — data negra. Depois a desgraça do filho... E sempre poupada, tirando-o à boca para que o tivéssemos. Tu dizes?...

SOFIA

Eu cismo.

GEBO

É a desgraça, é a desgraça que não nos larga. (*Fica absorto olhando a luz do candeeiro. Os passos da velha lá dentro despertam-no. Sofia de repente apura o ouvido e põe-se a pé num sobressalto. O Gebo escreve.*) Adiante, adiante... zero, zero, cinco... Oito e sete quinze e seis são vinte e um, e vão dois... A luz hoje não está boa, tu arranjaste o candeeiro?

GEBO e DOROTEIA e depois SOFIA

DOROTEIA

Arranjei-o eu. Aqui está o café. É dos teus olhos. (*Para Sofia.*) Conserva o lume esperto.

*Sofia ao sair espreita preocupada
à janela e suspira fundo.*

DOROTEIA

O café está ao lume. Agora vou-me sentar ao pé de ti para te ouvir falar.

GEBO

Esta noite tenho muito que fazer, mulher.

DOROTEIA

Não te zangues. Depois de velho, relho. Deixa-me embrulhar-te os pés. Enquanto tomas o café podes contar-me tudo. Não te ponhas já a escrever. Então entraste em casa do correspondente...

GEBO

Entrei...

DOROTEIA

E ele leu-te a carta do nosso filho?

GEBO, *sempre com mau modo.*

Leu.

DOROTEIA

E o que diz?

GEBO

Diz... diz... Manda muitas saudades... o costume...

(Rápido, encontrando a mentira.) E pergunta como está a mãe.

DOROTEIA

Ah, pergunta? E não o disseste logo! Gosto tanto de te ouvir! É preciso que saibas que eu não tenho outra vida.

Criei-o. E depois que o não vejo — há oito anos, contados dia a dia — criei-o outra vez, de dia, de noite, como pude... Gosto tanto de te ouvir! Fala. E depois?

Sofia vem sentar-se ao pé da mesa a trabalhar.

GEBO

Depois?... Mau!... Depois, pusemo-nos a conversar, eu de cá isto, ele de lá aquilo, etc.

DOROTEIA

Etc.? Com que secura me falas! E eu todo o dia à espera de te ouvir. Todos os dias... Há anos que espero... E chegas a casa e calas-te para me fazeres sofrer.

GEBO

Ó mulher, mas que queres tu que te diga? (*Atrapalhado.*)
Não sei arranjar estas coisas... Não sei... não posso...
Não, não é isto... Nas cartas comerciais não se usa falar de particularidades de família.

DOROTEIA

Dizes-me sempre a mesma coisa, meia dúzia de palavras e sabe Deus com que custo!... E nem te importa o que eu nestes oito anos tenho usado de sonho, e que na minha vida não haja uma única alegria. Vivemos neste frio da pobreza que mais se entranha à medida que os anos passam...

GEBO

Mas eu não tenho que dizer...

DOROTEIA

O que é sei eu! o que é sei eu!... (*Fita demoradamente Sofia.*) Nem tu próprio talvez o saibas... E não reparas que a teu lado me fui transformando noutra ser de dor e de desespero... De desespero também. Outra figura se criou sem tu dares por ela e quase sem eu dar por ela, no abandono e no silêncio. Outro ser... Outro ser que já não pode mais. Fala! Fala! porque estou há anos à espera de que digas o que eu quero saber!...

GEBO, *aterrado*.

Ó mulher, saber o que? Que queres tu saber?

DOROTEIA

Sempre a desgraça, sempre a desgraça!... E eu à espera...

GEBO

Deixa-me... Logo.... Vai buscar mais café...

SOFIA

Eu vou. (*Sai*).

DOROTEIA

Preciso de te ouvir senão morro!

GEBO

Aí tornas outra vez! Tenho de dar a escrita pronta, já to disse.

DOROTEIA

Ó homem, se eu não soubesse que és meu amigo,
duidava de ti. Pois tu sabes que só tenho esta alegria e
tiras-ma!

GEBO

Não me apoquentes. Logo, logo, está dito...

DOROTEIA

Em te pilhando com os livros acabou-se! Agora não falas,
logo vais para a cama e dormes. E quanto mais aflições,
mais sono tens. Só eu não posso dormir. Cismo. A ti e a
ela pouco se vos dá, mas eu, o que eu tenho chorado!

GEBO, apontando para dentro.

Coitada! Também é preciso poupá-la, tem sido infeliz.

DOROTEIA

Como eu.

GEBO

É sua mulher e nunca mais o tornou a ver. Lembra-te do que terá sofrido calada, sem se queixar. Já a ouviste queixar-se?

DOROTEIA

E eu? o que eu tenho sofrido! Há oito anos! Já lá vão oito anos! Não te importas, mas eu tenho recozido as minhas lágrimas. E quando quero falar dele, emudeces. Chegas e pegas-te logo à escrita (*apontando para dentro*) para que nada lhe falte a ela. Parece que ela é que é tua filha.

GEBO

Que não daríamos nós por os vermos felizes?

DOROTEIA

Temos-lhes dado tudo.

GEBO

Por esta vida fora, tão dura, tão má, quantas vezes me tenho lembrado de morrer.

DOROTEIA

De...?

GEBO

De morrer, sim. A gente chega a pensar em morrer. E eras tu e ela que me prendiam à vida. Não há tanta gente que vai no verão, por aí fora, para a aldeia? Quem me dera ir também ver as árvores, sentar-me à sua sombra!... Pois as minhas árvores sois vós.

DOROTEIA

Olha como tu falas!

GEBO

Falo, gosto de falar da nossa filha. Ainda me lembro quando ela veio assim... pequenina, cá para casa na

morte de meu irmão. Cresceu, casamo-los e... (*mudando de tom*) ó mulher sabes tu que mais? deixa-me trabalhar.

DOROTEIA

Mas do nosso filho não falas, do nosso filho não dizes palavra. Foste sempre mais amigo dela do que dele. E tudo porque foi para longe, porque não se quis sujeitar a esta vida que levamos, porque é ambicioso. Sai a mim que o criei.

GEBO

Isso tem seus quês...

DOROTEIA

Então achas melhor ser como tu que nunca fizeste nada para subir? Riem-se de ti, és um pobre, todos te escarnecem.

GEBO

É o mesmo, mulher, é o mesmo.

DOROTEIA

Os teus amigos enriqueceram, e tu não passas de cobrador duma companhia, sempre com o mesmo ordenado e as mesmas aflições.

GEBO

Deixa-me cá com a minha vida. Sabe Deus o que eu sofro para que vos não falte o pão.

DOROTEIA

Felizmente o meu filho não sai a ti.

GEBO

A ambição não é má, mas tudo se quer nos seus termos. Olha que já tenho visto muita coisa por esse mundo. Grande nau, grande tormenta. E lá fora na companhia, no comércio toda a gente diz: - O Gebo, que é como eles me chamam...

DOROTEIA

E tu consentes!

GEBO

Que lhes hei de fazer?... O Gebo é honrado.

DOROTEIA

Sempre foste assim! Até me fazes aflição!

GEBO

Paciência, mulher, paciência. Deixa-os lá. Mas quando dizem que sou honrado, isso consola. Cumpri sempre o meu dever.

DOROTEIA

Serviu-te de muito.

GEBO

Serviu...

DOROTEIA

O que tu tens sido é egoísta. Cumpriste o teu dever sem cuidares de que também tinhas deveres para connosco. Não aproveitaste as duas ou três ocasiões que te apareceram na vida para enriquecer — e levaste-nos para a desgraça e para a pobreza.

GEBO

Oh mulher!...

DOROTEIA

Tu é que tens a culpa. Não tens mesmo finura nenhuma. Toda a gente te engana e ainda por cima se riem de ti. Nós temos culpa das tuas tolices, das tuas desgraças?

GEBO

Não, mulher, não, bem sei.

DOROTEIA

É o que conseguiste cumprindo o teu dever.

GEBO

Mas tenho feito tudo por vós, tenho arrastado esta cruz!
Sou um homem honrado.

DOROTEIA

Olha os outros! Olha os outros! Enriqueceram, são felizes...

GEBO

Deus sabe, Deus sabe!

DOROTEIA

E nós pobres e desgraçados. (*Para Sofia que entra*).
Deixaste o lume esperto? É preciso fazer mais café.

GEBO

Que eu hoje trabalho até essa noite velha e o frio está de rachar.

Estão sentados a trabalhar.

Silêncio.

DOROTEIA, *suspira*.

O meu filho...

GEBO, *num sobressalto*.

Anh?!

DOROTEIA

Não me sai da ideia. Há dias em que tenho vontade de fugir. Vem-me não sei de onde um impulso de deixar tudo e de ir por esse mundo, sem destino.

GEBO

... e sete são quatorze... Por aí fora à ventura?... E sete são vinte e um.

SOFIA

Também a mim a vida me parece sempre a mesma coisa. É como a chuva que cai lá fora, pingue que pingue, nos beirais. Sempre este ruído monótono da chuva...

GEBO

A vida é sempre a mesma coisa.

DOROTEIA

A nossa vida. Usar os trapos, remendar os trapos, tornar a usá-los.

SOFIA

E se nos acontecesse alguma coisa?

DOROTEIA

Que coisa?

GEBO

A felicidade na vida é não acontecer nada.

SOFIA

É o hábito?

GEBO

Talvez seja o hábito. É a gente fazer sempre o mesmo trabalho e dizer sempre as mesmas palavras.

SOFIA

Como a chuva. E não cismar.

DOROTEIA

Não cismar! Eu cismo sempre. Nem na cova deixarei de cismar.

SOFIA

Será a vida só uma? Só uma?

GEBO

Todas as vidas são assim.

DOROTEIA

Mas tão monótona, tão fria que me pesa! Às vezes não sei se estou viva se estou morta. Às vezes nem o sonho que sonho me é possível. Está no fio.

GEBO

Essa agora! Eu cá por mim, quando acabo o trabalho e me sento aqui, com os livros ao lado, a ouvir chover — e como ela cai! — não me sinto infeliz. Pelo contrário: estou quente, tenho-vos ao pé de mim...

DOROTEIA

Tu sim! Tu sim! Nem reparas que há quarenta anos fazemos todos os dias a mesma coisa na humildade e na pobreza, e que o sonho se vai usando, gastando, acabando com a vida...

SOFIA

E não haverá outra vida?

GEBO

Temos cumprido a vida, temos cumprido o nosso dever.
Resta saber se a gente vem a este mundo para ser feliz...

DOROTEIA

Mas se a vida fosse só isto, sempre as mesmas ações,
sempre as mesmas palavras, eu morria, eu não podia viver.
(*Sofia põe-se de pé num sobressalto e vai à janela
espreitar.*) O que me vale é o que me resta de sonho.
Fechada, sozinha, quanto mais sozinha melhor, sonho
sempre no nosso filho. Não dizes nada?

GEBO

Faço contas.

DOROTEIA

Para ti, o teu filho é menos que um indiferente.

GEBO

Valha-te Deus!

DOROTEIA

É assim mesmo. Já depois de casado era outro para mim.
(*Gebo quer interrompê-la.*) Hei de falar, hei de
desabafar!... E não contente ainda, foi ela que fez com que
não gostasses dele.

GEBO

Como és ingrata, mulher, se soubesses...

DOROTEIA

O quê?

GEBO

Nada.

DOROTEIA

Eu sei! eu sei!... Metemo-la em casa, agasalhamo-la, se
não fôssemos nós teria morrido à fome porque ninguém
queria saber dela. E em paga tirou-nos a afeição do nosso
filho.

SOFIA

Mãe! ó mãe!...

GEBO, *olhando Sofia.*

Pelo amor de Deus cala-te!

DOROTEIA

É o mesmo. Eu tenho-lhe amor por vós ambos. E quanto menos tu e ela o amarem mais eu gosto dele. (*Para Sofia.*)

Ah, ouviste? Melhor foi. Vou-me deitar, mas não durmo.

Penso nele, passo as minhas noites a cismar. Não falas?

GEBO

Falo, falo (*Para Sofia acariciando-a.*) Não chores filha, não chores.

DOROTEIA

Deixa-a chorar que eu também tenho chorado muitas lágrimas. O meu filho só me tem a mim! só a mim!

(*Encarando com Sofia.*) Ah tu choras? Bom é que chores.
(*Sai*).

GEBO e SOFIA

GEBO, *acariciando-a*.

Ela de antes, enquanto lhe não levaram o filho não era assim. Tirou-o muitas vezes à boca para que nós o tivéssemos. Foi a vida, foi a desgraça que a azedaram.... Gastou-se a sonhar, gastou-se a sofrer. (*Reparando em Sofia.*) Tu que tens? tu que tens?

SOFIA

Tenho medo! tenho medo!

GEBO

Também eu! também eu!

SOFIA

Temos aqui vivido há oito anos dominados por uma sombra. Eu já não posso, e tenho medo.

GEBO

É o meu filho, é um desgraçado. Quem sabe!... Talvez a polícia o procure, não tem decerto onde dormir. Anteontem pareceu-me vê-lo ali à esquina. E tenho-me lembrado se terá que comer...

SOFIA

Se terá fome!

GEBO

E se ela sabe isto, morre.

SOFIA

Falou-lhe? Então sempre lhe falou?...

GEBO

Desapareceu na noite como uma sombra...

SOFIA

E nós?

GEBO

Nós? Em quem eu penso é nela, com aquela doença de coração. Ela, a quem eu tenho dado tantos desgostos, e que tem vivido de mentira. Às vezes dizia-me: — Manda-lhe beijos, manda-lhe beijos. — e dava-mos, coitada. E hei de agora dizer-lhe: — Teu filho é um ladrão. — Antes matá-la, seria melhor matá-la.

SOFIA

Às vezes tenho vontade de lhe contar tudo.

GEBO

Chiu... (*Apurando o ouvido.*) Escuta, escuta...

SOFIA, *escutando.*

Está no quarto... fala sozinha... lá anda a pregar.

GEBO

Bem, bem. Vai-te deitar. Eu fico com a escrita até lá por essa noite fora. Minha pobrezinha, tão calada e tão triste, e sempre num subterrâneo a tecer. Eu bem te conheço.... Exaltada! tão exaltada!... Mas calas tudo, escondes tudo. (*Vai-a levando até à porta.*) Reza por mim ouviste? Por nós todos... e por ele... por ele, não te esqueças. (*Beija-a.*)
Boa noite.

SOFIA

Boa noite.

GEBO só e depois JOÃO

GEBO, medita abanando a cabeça e resmungando.

Depois volta para a mesa de trabalho.

Ora vá, Gebo... Vá, vá. (*Respira profundamente.*) Agora tenho sossego... sossego não, que me lembro. Só quando durmo é que esqueço. A desgraça há de ir usando a gente até um dia... até um dia... *O Diário*, sim o *Diário*... E há gente tão feliz por esse mundo!...Oito e sete quinze e seis são vinte e um... e vão 2...715... 90, noves fora nada. (*O relógio dá horas.*) Uma... duas... três... Hem, já nove! O tempo passa, o tempo passa... E 6 são 32. Coitadas! coitadas das pobres! E vão 5... vão 5... vão 5...

(Silêncio. Fica absorto um instante. Desperta-o um ruído na fechadura da porta.) E vão 5... Quem é? (*Escuta.*)

Mexem na fechadura!

A porta abre-se. João aparece. O Gebo ergue-se espantado e João entra com a gola levantada e a barba por fazer.

JOÃO, sereno, fechando a porta.

Não tenha medo. Sou eu... As fechaduras conhecem-me.

GEBO

Tu! (*Fica imóvel, de pé, aterrado. João vem à frente e puxa uma cadeira para ao pé da mesa. O Gebo apontando a porta que dá para o interior da casa.*) Chi... chi... chiu!

JOÃO

Viva, pai!

Olha em roda, respira largamente e desata a rir-se-lhe na cara

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário

GEBO e DOROTEIA

GEBO

Ouçõ passos no pátio, deve ser o Chamiço.

DOROTEIA

Há de ser ele, nunca falta ao café. Às vezes vê-se-lhe nos olhos que está a morrer pelo café.

GEBO

Coitado! coitado!

DOROTEIA

Se não lho desse aguava.

GEBO

Passa mal o velhote. Só ele e Deus sabem as linhas com que se cose. Às vezes até me faz aflição.

DOROTEIA

Tu ainda tomas o café forte, mas depois p'ra ele deito água no saco. (*Batem*).

GEBO

Aí está o homem. (*Doroteia abre*).

Os mesmos, CHAMIÇO e depois CANDIDINHA

CHAMIÇO, *à porta*.

Licença para um artista.

DOROTEIA

Faça favor de entrar.

GEBO

Você já se ia demorando. Ande, sente-se.

CHAMIÇO, *cumprimentando*.

Minha senhora...

GEBO

Pois é verdade *seu* Chamiço... Então que me diz a este frio?

CHAMIÇO

De rachar e não lhe digo mais nada.

DOROTEIA

Sente-se, sente-se. Eu vou-lhes arranjar o café. A Sofia trá-lo já. (*Sai*).

*O Gebo trabalha. O Chamiço
senta-se do outro lado da mesa.*

GEBO

E os negócios correm, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO

Vão indo, vão indo. Podia ser melhor. Mas agora a empresa resolveu pôr em cena outra peça, uma mágica...

GEBO

E a empresa é forte?

CHAMIÇO

Imagine... entra o Torres.

GEBO

Ah, então!... 7 e 8 — 15 e 6 são 21... O Torres... E tem tido muita gente?

CHAMIÇO

Esta coisa de barraca de feiras está um bocado por baixo. E depois o tempo não ajuda. Chuva e muita falta de dinheiro.

GEBO

Amigo, todos se queixam do mesmo mal. Mas porque não dão vocês espetáculo à noite?

CHAMIÇO

Era um despesão. Só a iluminação... O amigo calcula por quanto fica a iluminação? Olhe que a iluminação é caríssima.

GEBO

Caro, hem?

CHAMIÇO

Só de petróleo 820. Imagine!... O Torres, bem vê, não pode.

GEBO

Ah!... 8 e 8 — 16 e vai um. Faz favor de me passar esse livro... esse, o *Razão*, esse que está por baixo. Isso!

CANDIDINHA, *à porta*.

Dão licença?

*A Candidita com um velho
penante, um chale e uma bolsa —
farrapos dados por este e aquele.
Mas não é uma figura ridícula.*

GEBO

Isto é uma raridade!

CANDIDINHA

É que as Soisas estão para fora por causa da doença do tio e hoje era o dia das Soisas. (*Para Doroteia que aparece à outra porta*). Adeus, filha.

DOROTEIA, *para dentro.*

Sofia, traz o café.

CANDIDINHA

Aí tens café?

CHAMIÇO, *esfregando as mãos.*

Aí vem o cafezinho.

DOROTEIA, *para Candidinha.*

Queres tu uma gota?

CANDIDINHA

Tomo sim, filha. A mim o café faz-me muito mal à palpitação, esta doença que me há de levar à cova. (*Doroteia faz um gesto*). Ai, eu não me iludo. Ainda ontem disse em casa das Teles: — A minha sepultura está aberta... — Olhem que tenho a roupa apartada p'ra não incomodar ninguém. (*Mudando de tom*). É do forte? Que eu café só do forte. E o teu filho sempre chegou?

CHAMIÇO

Como eu.

GEBO

O cafezinho sempre aquece.

DOROTEIA, *para dentro.*

Sofia, então? (*Sai*).

CHAMIÇO, *galanteador para Candidinha que tira dum bordado e se senta ao pé da mesa.*

Perdoe-me se sou ousado, mas antes de me dedicar à arte, fui da tropa...

CANDIDINHA

Diga, senhor Chamiço.

CHAMIÇO

Quem é o felizão para quem borda esta lembrança?

CANDIDINHA

Ainda não tem dono.

GEBO

... E 7 são 49... Ó Chamiço, você sempre tem coisas!

CHAMIÇO

Não acredito, palavra. Creia que se fosse no meu tempo essa lembrança era p'ra mim. Não me escapava... Não seria, conquistava-as todas.

CANDIDINHA

Tinha condão?

CHAMIÇO

Com a flauta. Era mais a mim! mais a mim!

GEBO

Com a flauta!

CHAMIÇO

Sim homem, foi como eu conquistei a minha defunta.
(*Imitando a flauta*). Piu... piu... piu. Só com a flauta. Não entendem? Eu chegava, sentava-me à beira dela, puxava do instrumento e desatava piu...piu... piu. Há lá nada que exprima o amor como a música! Era logo piu... piu... piu. Ela ouvia-me fascinada...

CANDIDINHA

Mas como trocavam expressões de amor?

CHAMIÇO

Piu... piu... piu... E no fim, acabada a ária, levantava-me e dizia-lhe: - Boas noites, Serafina.

CANDIDINHA

Nunca lhe disse mais nada?

CHAMIÇO

Nem foi preciso. Estava pela beija. Piu... piu...piu...
(*Gebo e Candidinha riem*).

CANDIDINHA

Ouvem? Como ela canta na vidraça? Aí torna outra vez...

CHAMIÇO

Estava tudo negro para a barra quando entrei.

GEBO

Como rufa!

CANDIDINHA

Esteja eu quente e ria-se a gente. A mim lembra-me
sempre...

CHAMIÇO

O quê, minha senhora?

CANDIDINHA

O dilúvio universal.

Os mesmos, DOROTEIA, SOFIA E JOÃO

SOFIA, entrando com Doroteia e João.

Cá está o café e a ferver por causa do frio.

CANDIDINHA, para Doroteia.

Estás toda contente com o teu filho?

DOROTEIA

Pudera!

JOÃO, para Sofia.

Deita café.

GEBO

Que Inverno! A xícara bem cheia.

CANDIDINHA, *para Doroteia.*

E trouxe muita soma de dinheiro já se vê?

DOROTEIA

Acho que sim.

CANDIDINHA

Ah!

SOFIA, *para Candidinha.*

Mais uma pinguinha?

CHAMIÇO, *provando o café e queimando-se.*

Bff! está a ferver. (*Deita o café no pires*). Dá licença que tome por baixo?

GEBO

Sofia, deita mais café. Tome... tome...

JOÃO

É isto que vocês fazem às noites? Todas as noites?
sempre?...

DOROTEIA

Conversamos, trabalhamos...

CHAMIÇO, *para o Gebo.*

Gosta? É uma marcha lindíssima, piu... piu.

GEBO

Gosto... E 7 são 14.

CHAMIÇO

Oh! a arte, não há nada que chegue à arte! O que eu queria era ter tempo para imaginar cá as minhas coisas à vontade, mas tenho os ensaios, o dia todo ocupado a

tocar: *Ora ponha aqui o seu pezinho...* É revoltante. Mas o público só gosta destas coisas. O gosto perverteu-se, caminhamos para um abismo. Ah, meu amigo, a arte! Quando me ponho a pensar na arte...

JOÃO, *para Sofia.*

Sufoco. Sinto um peso enorme desde que aqui entrei.

CHAMIÇO

... ponho-me a pensar na arte e vem-me uma tristeza.

GEBO

Quem a não tem?

CHAMIÇO

E então desato a tocar sozinho nem sei o quê... Em frente da minha janela fica o muro do outro prédio, enorme, sem um rasgão. E a olhar o muro compacto e a tocar piu... piu... piu, lá vai o negrume... A arte consola.

JOÃO, *para Sofia.*

As figuras parecem-me deformadas.... Outras figuras...

SOFIA

Outras?!...

JOÃO

E a vida mesquinha e inútil...

DOROTEIA

Mais cafezinho?

GEBO

Tome. E vão 7.

CHAMIÇO

Pois sim, um golo. (*Entusiasmado*). Nasci para a arte, para viver com a minha arte. Sinto que se me deixassem planear, ainda talvez viesse a escrever...

DOROTEIA

O quê, senhor Chamiço?

CHAMIÇO

O quê, minha senhora? Uma marcha! Só lhe digo isto:
talvez escrevesse uma marcha.

CANDIDINHA

Upa! (*Para Doroteia*). Tu não tens uns biscoitos, filha?
Estou a sentir uma fraqueza. Até me pode vir a palpitação.

DOROTEIA

Vou buscá-los.

CANDIDINHA

Que noite escura! Com estes crimes que vêm nos jornais
— hão de ter lido — tenho sempre medo quando volto
para casa, e mais são dois passos.

JOÃO

Crimes, hã?

CANDIDINHA

Crimes de arrepiar.

JOÃO

Crimes toda a gente os pratica.

GEBO

Essa agora!

JOÃO

Ao menos em pensamento... Tudo o que vocês aqui dizem é inútil. Vocês nem sabem o que é a vida. A vida!...

SOFIA

Cala-te!

GEBO

Nem toda a gente pode viver a mesma vida.

CHAMIÇO

Para praticar um crime é preciso não ter alma.

JOÃO

Nem toda a gente se deixa calcar...

DOROTEIA

Ah!

JOÃO

Uns são trapos, outros revoltam-se... Veem o mundo
duma maneira diferente.

CANDIDINHA

Apoiado!

JOÃO

Uns nascem como o pai para beijar a mão que lhes atira
uma côdea.

DOROTEIA

Eu bem te tenho dito sempre!

JOÃO

Outros...

SOFIA, *com espanto.*

Outros?...

CHAMIÇO

Foi para esses que se fez a cadeia.

JOÃO

Mas antes a cadeia! Na cadeia também se come pão.
Antes morrer do que viver sepultado.

DOROTEIA

Filho!

JOÃO

Do que isto? Antes morrer. Deixem-me falar... Um crime qualquer o pratica, crimes maiores se fazem todos os dias de mentira e de abjeção. Crimes maiores, e às vezes é um nada que nos impede de matar...

GEBO, *fazendo-lhe sinais.*

Chiu, chiu!

JOÃO

Tive um amigo que fez uma morte e que esteve na cadeia...

SOFIA

João!...

JOÃO

Mau! Uma noite... Uma noite como esta, estava molhado até aos ossos e tinha fome. Era meia-noite passada... Um homem que esteve na cadeia não pede esmola. Sabe tudo da vida e da morte. Vejo a rua deserta e vejo-me decidido a não me deixar morrer de fome. De fome!... Um momento de angústia e desespero... À roda tudo negro... Não era só o negrume da noite e da parede enorme a que me tinha encostado... Maior, mais espesso o negrume da minha alma. Parecia-me que no mundo não havia nenhum ser mais desgraçado do que eu...

SOFIA

Ah!...

JOÃO

Maior!... Muito maior!... Mais negro e mais fundo. Cossi-me com a parede. Estava só, ou supunha que era só eu nessa noite — eu e o desespero, só eu e o negrume. O primeiro que passasse deitava-lhe as mãos às goelas... Ouvi passos ao fundo da rua deserta e entranhei-me mais no escuro, pronto a dar o salto... O vulto avançou, aproximou-se, e

então eu vi, a meu lado, duas mãos enormes que saíam do escuro — duas mãos sem corpo, iluminadas pelo candeeiro, e que num instante se contraíram no ar, apertaram, sufocaram... Um baque — e deitei a fugir na noite como um insensato... Não fui eu! não fui eu!...

SOFIA

Que horror! Que horror!

JOÃO

Que horror? E então aquela alma que todos tinham espezinhado, aquele homem que já tinha sido talvez um homem — e que os outros por egoísmo, por indiferença atiraram talvez para o crime?... Um homem como os outros homens e que tinha fome e que queria viver... Uma alma — foste tu que falaste aí duma alma? (*Aponta para Chamiço*). — Uma coisa que não tem limites de dor e de sonho... Nem sabes o que é!... A minha alma! Eu não sei o que é a minha alma. Está muito funda! Se me debruço lá para dentro — já pensaram nisto? vocês que vivem aqui a dizer todos os dias as mesmas coisas? — se me debruço, vejo no fundo sombras que me metem medo... A alma duma criatura que não pode com a vida, com esta vida

que vocês suportam!... (*Para Candidinha*). Que estás tu a olhar para mim, velha cheia de sonhos irrealizados?...

CANDIDINHA

Ai!...

JOÃO

Uma alma que grita e sonha e não pode com o seu mundo de espanto, e que conhece o que é a desgraça e a dor!... Vocês não sabem que há criminosos que têm uma alma e homens honrados que a não têm? Vocês estão todos sepultados... Até vos digo mais... Se cada um, dos que aqui estamos, fizesse as mortes em que cisma, por ódio, por ambição, por interesse, o mundo seria uma hecatombe.

CANDIDINHA, *fascinada*.

Sim!

JOÃO

Um crime talvez qualquer de nós o pratique amanhã.

Marcar o terror duns e o espanto dos outros. O Gebo que primeiro fica sucumbido, Doroteia que se ergue pouco e pouco durante a narrativa, até que o Gebo desata num riso doloroso e baixinho.

GEBO

Pois senhores, tem graça, tem muitíssima graça! Ora aqui está uma coisa que tem graça!

SOFIA, *baixo.*

João, cala-te!

JOÃO

O que vocês quiserem!

GEBO, *com voz sumida para João.*

Se a queres matar! se nos queres matar!

DOROTEIA

Credo! (*Para o Gebo*). Sempre fazes um espalhafato! Até me ficou a doer o coração. Que modos!

CHAMIÇO, *para a Candidinha*.

Ele estaria na?...

CANDIDINHA

Tem cara disso.

DOROTEIA

Mas que é? que foi que não entendi?

GEBO

Nada, uma graça. Acabou-se. Uff... (*Limpando o suor*).
Está um calor de rachar.

CANDIDINHA

Um calor com este frio?

GEBO

Quentote, quentote. Calor não digo. Assim, assim. (*Para o Chamiço*). Então que há de novo, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO

Isto de política está cada vez pior. Era preciso um homem de pulso.

CANDIDINHA

Outro marquês de Pombal.

DOROTEIA, *para João*.

Um biscoito?

JOÃO

Não, obrigado.

GEBO

79 e 9 são 88, e vão... e vão... Já não sei quantos vão!

CANDIDINHA

Muita falta de dinheiro. E isto (*apontando a maleta que está em cima da mesa*) é dinheiro?

GEBO

Olá! Quási um conto. Setecentos mil reis. Agora no fim do ano a cobrança é grande. (*Movimento de João*).

SOFIA, *querendo deitar café a Chamiço*.

Café é que já não há.

CANDIDINHA, *erguendo a mala*.

E pesa! Não sei que impressão faz a gente ter um conto ao pé de si.

JOÃO

Um conto!

CANDIDINHA

Setecentos! Olhem que já é!

CHAMIÇO

Sente a gente uma coisa esquisita pelas costas acima. Eu não sabia...

João ergue-se e fica a olhar para a mala.

DOROTEIA, *para Sofia.*

Leva as xícaras.

SOFIA, *saindo.*

Vens, João?

JOÃO, *absorto.*

Hã?

CANDIDINHA

O que aqui está dentro! (*Acaricia a mala*). Vestidos de seda, lambarices, coisas boas. Ai, deve ser um regalo ter dinheiro, muito dinheiro! Até parece que dá calor! Ter dinheiro para mandar os outros, para dizer: — faça! rua!

vá! Quem me dera ter uma pessoa em quem eu pudesse mandar à vontade! Não tinha contemplanções. E dizer que está aqui dentro... eu sei lá!... Regalos, considerações, o mundo todo! Ai deve ser muito bom ter dinheiro!

CHAMIÇO

Ter assim setecentos ao pé da gente!

GEBO

Eu por mim já estou habituado. Nem me lembro que é dinheiro. Zero, zero... 6.

DOROTEIA

Ouvem? Nove e meia.

GEBO

Já?

CANDIDINHA

Estão a dar na torre.

CHAMIÇO

Então, vizinho, são horas, adeus.

CANDIDINHA

Também vou, demais a mais não chove, há uma aberta...
Tanto dinheiro!

GEBO

Boa noite. Cuidado com os degraus.

*Vão saindo, Sofia entra e alumia-
os.*

CANDIDINHA

Adeusinho, são dois passos. Obrigada.

CHAMIÇO, *à porta.*

Boa noite.

DOROTEIA, GEBO, SOFIA e JOÃO

DOROTEIA

Lá foram.

GEBO

E agora nós. (*Fecha numa gaveta os livros e a mala*). Hoje sinto-me derreado.

JOÃO

Vai-se deitar?

GEBO

Pudera! Vou já para vale de lençóis. Tu não vens, mulher?
(*Para Sofia que o acompanha*). Olha se trazes o candeeiro.
(*Fica uma vela sobre a mesa. Sofia acompanha o Gebo e alumia-o*).

DOROTEIA e JOÃO

DOROTEIA

Filho.

JOÃO

Hã?

DOROTEIA

Filho, há uma coisa que te queria perguntar. A mim deves dizer-me tudo. Sou tua mãe.

JOÃO, *alheado*.

Hã?

DOROTEIA

Espera. Deixa-me olhar para ti. Se soubesses o que eu tenho passado! (*Gesto de enfado de João*). Não te zangues. Queria-te pedir... há uma coisa que me não

deixa falar, uma coisa que desconheço em ti... Há bocado
quási me meteste medo. Custa-me a encontrar a outra
fisionomia...

JOÃO

A outra?

DOROTEIA

De quando eras pequeno. Há uma coisa que te pedia que
me disseses...

JOÃO

Deixe-me. Deixe-me sozinho... Agora deixe-me só.
Preciso de estar só, habituei-me a estar só. Habituei-me a
estar só e há ocasiões em que todos os seres me parecem
monstruosos e diferentes. Tu não entendes isto.

DOROTEIA

Fazes-me aflição!

JOÃO

Ah!... Também a mim, também a mim me custa a encontrar a outra fisionomia, a outra que vi sempre e com quem lidei sempre.

DOROTEIA, *aterrada*

Filho!

JOÃO

Espera aí. Tu gostas de mim... Fala! tu és a minha mãezinha.

DOROTEIA

Filho, eu sinto-o... Não sei, mas sinto-o: tu és desgraçado. Ontem tive um sonho em que te vi magro e roto numa rua sem fim. Tinhas fome. (*Aproxima-se dele*). Tinhas fome e olhavas-me. Estendi os braços num grito. Mas não te pude deter, e seguiste na rua que não tinha fim para um destino de dor.

JOÃO

De dor? De desespero...

DOROTEIA

Hás de contar-me a tua vida...

JOÃO, *ri-se.*

A minha vida!...

DOROTEIA

Muitas vezes te supus morto, muitas vezes tive frio quando pensava que terias frio. Diz'-me tudo.

JOÃO

Nos dias de desgraça apareceste-me sempre como quando eu era pequeno e depois...

DOROTEIA

Depois...

JOÃO

Vinha outra vez a noite.

DOROTEIA

Fala, que não me canso de te ouvir. Ficamos aqui toda a noite a falar... Nunca te esqueci.

JOÃO

Eu, também, nunca te esqueci, Mesmo nos dias mais aziagos te via e ouvia. Às vezes falavas-me como do fundo dum sepulcro... Quem estava morto era eu.

DOROTEIA

Tu és desgraçado! tu és desgraçado! Talvez eu saiba mais do que supões. Talvez eu adivinhe...

JOÃO

Sou um ser diferente, dominado por outra coisa maior... Nem talvez eu mande em mim mesmo... Sou... (*Detém-se*). Vai dormir agora.

DOROTEIA

Espera...

JOÃO

Que te posso eu dizer da minha vida e de mim mesmo que tu entendas?

DOROTEIA

Da desgraça?

JOÃO

De outra coisa pior. Não procures em mim outra figura senão a que conheces A outra a que me impele, a que me leva não para o que eu quero fazer, mas para o que tenho de fazer, a do desespero, não querias vê-la...

DOROTEIA

Magoa-me ouvir-te. Tenho medo de te ouvir e ao mesmo tempo quero que fales. Tu és desgraçado. Essa figura já talvez eu a visse.

JOÃO

Essa figura de sonho?

DOROTEIA

E que é a mais viva. Porque sofre. Porque me apareceu desesperada... Vi outro ser esfarrapado e doloroso.

JOÃO

Que se ri. Que me faz sofrer e que se ri.

DOROTEIA

Ouve. Talvez eu saiba mais do que supões. Fala comigo.

JOÃO

Agora não. Agora vai-te deitar.

DOROTEIA

Passei anos à espera.

JOÃO

Agora deixa-me. Deixa-me sozinho... (*Vai-a levando para a porta e abraça-a com uma grande ternura*).

DOROTEIA

Eles não ouvem. Compreendo que não lhes digas nada, mas eu sou tua mãe... Terás tu frio? Pus-te o meu chale na cama.

SOFIA e JOÃO

Pouca luz. É a vela que arde. Sofia vai e vem nos últimos arranjos. Entra no quarto à direita depois sai.

JOÃO, sozinho.

Isto tira-me a força. Não sei porquê também a noite me aflige... Conheci um velho que, quando chegava a noite, punha a boca às grades para respirar com força...

(Indeciso. Dá dois passos. A mesa atrai-o). Inda os que matam, são os que têm melhor coração...

SOFIA, *à porta do quarto.*

São perto das dez... Não te deitas? *(Reparando nele).* Tu que tens?

JOÃO

Abre aquela janela, deixa-me respirar.

SOFIA

Tu que tens?!

JOÃO

Com a, noite desce sobre mim outra vida. Uma força a que não há resistir. Tu já disseste aí — ou foi alguém que o disse — que procuravas em mim outra fisionomia... Há noites em que a sinto transformada e mais profunda. Se tu me visses!... Um ser tão diferente do que conheces! Outro ser de quem não sei o nome e que me domina e leva...
Por força! por força!

SOFIA

Cala-te!

JOÃO

Que me espanta a mim mesmo. Um ser vivo, não um homem morto... Se os outros choram eu rio-me. (*Ri-se*).

SOFIA, *olha-o com terror.*

Ah!...

JOÃO, *fintando-a demoradamente.*

Agora nos encontramos!...

SOFIA

Desgraçado! Desgraçado!

JOÃO

Desgraçado já ela mo chamou também. Desgraçados sois vós. Tu pensas que a vida é isto? É isto, hem? E passar

aqui os dias a repetir sempre as mesmas coisas neste subterrâneo?

SOFIA

E morrer?... e morrer?...

JOÃO

E depois morrer. Vocês vivem como cegos e há outra coisa — há outros vivos. Trabalhar, ah, e ser o Gebo! Ser o Gebo! Antes viver num espanto e depois morrer. Olha como eu tenho as mãos frias...

(Estende as mãos e a claridade da vela ilumina-as).

SOFIA, num grito abafado e recuando.

As mãos! as mãos!

JOÃO

Abre a janela toda. Deixa entrar a noite... E agora vai-te embora. Deixa-me sozinho. Cala-te e vai-te.

SOFIA

Que vais fazer? (*João ri-se*). Eu grito. Não posso mais e grito!

JOÃO

Melhor! (*De costas voltadas para a mesa e com a navalha atrás das costas vai forçando a fechadura*).

SOFIA

Que estás a fazer?

JOÃO, *baixinho*.

Sou um ladrão, sabes? Sou um ladrão. Queres tu fugir comigo? És tu a mulher que me acompanhe na vida e na desgraça?

SOFIA

Sou tua mulher.

JOÃO

Sou só no mundo, mas sei o que tu não sabes. Sei o que é fome, o que é matar e morrer. Tenho noites em que fujo como uma fera perseguida, e tenho horas em que sinto em mim outra coisa imensa... Posso ver chorar, posso ouvir gritar... Ladrão! ser ladrão!

SOFIA

És a desgraça de nós todos. Queres matá-los a ambos, ao velho e à mãe?

JOÃO

Eu não tenho ninguém, sou só no mundo.

SOFIA

Que estás a fazer?! que estás a fazer?!

JOÃO

Estou a roubar.

SOFIA

João! João!

JOÃO

Mais baixo, fala mais baixo.

SOFIA

Perde-lo e perdes-nos! O que o velho vai chorar! Não!
Não! (*Chama*). Pai.

JOÃO

Cala-te!

SOFIA

Venham! acudam! Mata-me! Não passas!

*João investe com a porta, atirando
com Sofia para o lado. Brilho da faca.
Rolam algumas moedas.*

SOFIA, GEBO e depois DOROTEIA

GEBO

Filha! A roubar! a roubar o que não é nosso! E se ela ouve!
(*Corre à porta que dá para o interior e fecha-a*) A velha
vê... Filha, a gaveta. (*Arranja à pressa os papeis em cima
da mesa. Doroteia fora bate*). Se ela sabe,
morre! (*Doroteia bate com mais força e ele abre-lhe a
porta*).

DOROTEIA

Que barulho é este? Que é isto aqui?

GEBO

Nada. Uma questão que eles tiveram e mais nada. Então
tu choras?! Tu choras?! Isto não vale dez reis, dou-te a
minha palavra de honra. Dou-te a minha palavra de honra!
Zangaram-se e mais nada. (*Vai falando sempre cada vez
mais baixo*). Destas coisas que acontecem — e mais
nada... (*Com voz sumida, quási a chorar.*) E mais nada.

Doroteia, sempre à porta, calada e hirta, olha a cena. Depois lentamente tapa os olhos com as mãos.

TERCEIRO ATO

O mesmo cenário

GEBO e SOFIA

SOFIA, *abrindo a porta.*

Então?

GEBO

Ninguém o viu, ninguém mais o viu. (*Com o guarda-chuva aberto.*) Um guarda-chuva tão bom! Como as coisas se gastam depressa! Dantes não era assim... Perguntei por ele a toda a gente... (*Mostrando — lhe o guarda-chuva.*) Vês que grande rasgão?

SOFIA

E agora para ir à Companhia com este inverno?

GEBO

Para ir?... Ah, sim!... Os reportórios dão bom tempo... Já veio mais algum recado do senhor diretor?

SOFIA

Não.

GEBO

Não tardam a entrar por aí dentro e ou ele ou eu...

SOFIA

Quem?

GEBO

Ninguém. Falo do tempo... Tu verás como isto muda. Temos um inverno muito seco, verás. Ora agora... agora... (*Hesitante.*) Ir para a Companhia... Já lá vão três dias!

SOFIA

Que havemos de fazer?

GEBO

Eu sei... sei lá.

SOFIA

E o dinheiro? o dinheiro?

GEBO

Chiu... (*Apontando para dentro.*) Ela chora?

SOFIA

Chora.

GEBO

Ah, chora... É preciso que não chore. Tenho um medo que o saiba... O seu filho! Não se fartava de dizer: «Quando o meu filho vier, verão! Acaba-se a desgraça». (*Noutro tom.*) Acaba-se a desgraça! Toda a sua vida tem vivido nesta ilusão. Eu por mim não me importo, a gente afaz-se a tudo, mas ela... Chora?

SOFIA

Chora. Mas não é só ela que sofre. Que vai ser de nós todos agora?

GEBO

O principal é que ela o não saiba nunca. Nunca! Era a sua última esperança. Quem havia de desiludi-la? Desiludi-la seria pior do que ir às árvores e arrancar-lhes todas as flores. Vai, vai que não nos veja juntos, pode desconfiar. (*Sofia dirige-se para a porta.*) Parece que estou molhado... e na cara, na cara também. Há de ser da chuva. (*Sorri.*) Olha agora se me punha também a chorar!... Um guarda-chuva tão bom! Está tudo caríssimo, não sei onde há de ir isto parar... Ela não desconfia, e basta vê-lo para se adivinhar... Um filho!

SOFIA

Talvez ela saiba tudo...

GEBO

Ah! Se soubesse tudo já tinha morrido.

SOFIA, que se detém ao sair

E basta vê-lo... (*Volta lentamente para ao pé do Gebo que se senta à mesa e escreve.*)

GEBO

«Levo ao conhecimento de V.S.^a que o dinheiro da cobrança 750\$750 rs., pertencente à Companhia Auxiliar, responsabilidade limitada, foi roubado na noite de anteontem nesta minha casa, sendo desconhecido o ladrão. (*Repete espaçando as palavras.*) Sendo — desconhecido — o ladrão.» Ah, meu Deus, que letra que eu tinha de antes!... (*Para Sofia*) Agora com estes desgostos vês?... (*Continua a escrever.*) «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor...» Lá me esquecia a data!

SOFIA, como quem quiere falar doutra coisa maior que a subjuga.

Mas se essas pessoas ricas lhe perdoassem?

GEBO

Perdoar o quê? o dinheiro, filha? O dinheiro nunca se perdoa.

SOFIA

Mas pai... Espere... Pai! Mas então o nosso dever é ser pobres, é ser desgraçado toda a vida? É sacrificarmo-nos sempre? Eu não posso! Eu sufoco! O melhor é confessar-lhe. Batemos-lhe ali à porta e gritamos: — O teu filho...

GEBO

Isso nunca! Fala baixinho. Eu também não posso! Cá por dentro só tenho gritos e falo baixo para que ela não ouça, para ninguém me ouvir. Sempre a mesma discussão e tudo escondido... Porque eu disse-lhe: — Não te aflijas. — E ela disse-me: - Se mo tirassem agora que o vi — morria. — Ah, morrias? — Morria. -por minha causa foi a sua casa hipotecada e vendida. Gastou-se a sonhar e o seu sonho é amargo e inútil — por minha causa. E agora...agora hei de dizer-lhe... Eu também não posso, eu também sufoco!

SOFIA

Se a gente faz tudo isto e é inútil... Se a gente vive iludida e não torna mais a viver!

GEBO

Não torna mais?... Mas tu que tens?

SOFIA

Eu desespero. Pois o pai não vê, não reflete, não compara? Não pergunta a si próprio como eu pergunto: — De que nos tem servido o sacrifício? — Pobres e humilhados... sempre pobres. Olhe bem... veja bem... Mais tarde não é tempo. O que eu sofro quando comparo a nossa vida com outra que entrevejo!

GEBO, *mais baixo.*

Mas escuta... Tu não sabes nada da vida... Que queres tu que eu faça, filha? Eu não posso ser senão isto, e sabe Deus à custa de que sofrimento! Quem me quer na praça depois do que aconteceu?... E... e... (*senta-se*) isto já era

uma esmola. Há muito tempo que na Companhia só me tinham por piedade...

SOFIA, *sufocada*.

Uma esmola?!... Uma esmola?!

GEBO, *geme*.

Ah... (*Abana com a cabeça que sim*)

SOFIA, *mais baixo*.

Uma esmola!

GEBO

Pior. Eu quási não vejo para fazer as escritas. Já fazem escárnio de mim...

SOFIA

Escárnio?!

GEBO, *geme*.

Escárnio — ah...

SOFIA

Riem-se de si! riem-se de si!...

GEBO

Espera... Escárnio... não é bem escárnio, não te aflijas.
Riem-se às vezes de mim, mas eu não me importo. É um
costume. Fui sempre um pobre homem e já não
estranho...

SOFIA

E vivemos assim calados há oito anos!... Antes berrar-lhe
ali a verdade. Talvez a verdade nos salve.

GEBO

Era matá-la por minhas próprias mãos. Há trinta anos que
vivemos das mesmas alegrias e choramos juntos. Há trinta

anos que pensamos as mesmas coisas. Antes quero morrer do que dizer-lhe a verdade. O meu dever é outro.

SOFIA

Sempre o dever — para a desgraça. Bem peso a nossa vida para encontrar a razão da nossa desgraça e não a encontro... Veja, olhe um momento para mim e para si, para toda a nossa vida amarga... Foi tudo inútil?
(Suspensos um instante).

GEBO

Foi tudo inútil?... Tudo o que eu fiz? Espera... Às vezes... Eu também não entendo e dói-me! Inútil?... Mas sinto que todos precisamos de nos sacrificar. Então tu imaginas que eu não tenho também horas de dúvida? Duma tristeza inexplicável, quando ouço uma voz dizer-me baixinho coisas que não quero ouvir. Mas calo-as, mas finjo que as não ouço. É o meu dever. E teimo: tenho sido sempre um homem honrado, arrastei sempre esta cruz... Tu ouve-la?

SOFIA

Chora.

GEBO

Só chora, ah?... Como tudo isto me doi!... Mais baixinho, aqui ao pé de mim... Olha... Como tu tremes! E então — ouves isto? — nesses minutos horríveis, digo a mim mesmo aquelas palavras que ela me repete tantas vezes: — A honra tem-te servido de muito! Fizeste a tua desgraça e arrastaste-as contigo à desgraça. — Será assim, filha? Terei eu sido egoísta? Os outros estão ricos e eu estou pobre, por causa dos meus escrúpulos? Se soubesses o que isto me custa! O que isto me tem custado de gritos sem ninguém ouvir! Aqui entre nós nunca o contei a ninguém, nem talvez a mim mesmo. Não chores... Às vezes sinto-me tão pobre e tão triste! Vem-me um negrume, é mais que tristeza, é talvez a morte... Um homem deve ser honrado acima de tudo, o seu dever é ser justo e honrado ou é enriquecer?

SOFIA

Ah! (*Olha-o calada*). Também duvida?...

GEBO

Não! não! não duvido! Mas isto pode mais do que eu.

SOFIA, num grito abafado

Nenhum de nós se conhece. Nenhum de nós se conhece!
Temos aqui vivido há muitos anos dominados por uma
sombra. Eu já não posso mais!...

GEBO

Filha!

SOFIA

Tenho-lhe medo! Tenho-me medo! Antes o não tornasse a
ver! O seu coração pôs-se de pedra. De noite acorda aos
gritos e o seu riso gela-me.

GEBO

Oh!

SOFIA

Se o pai o visse como eu o vejo!... Se o ouvisse!...

GEBO

É o teu homem.

SOFIA

Mas há pior! há pior ainda!... Tenho medo doutra coisa, doutro mundo de pesadelo. À minha roda tateia não sei o quê que me aterra e deslumbra. A uma palavra sua entrevejo outra vida. Um rasgão... Uma vida com os vivos e os mortos. Para que destino? para que inferno?

GEBO

Tu deliras filha. É preciso serenidade. Todos temos deveres a cumprir... Eu mesmo não sei, não entendo e quero ver...

SOFIA

É uma coisa que me mete medo e que me atrai. Talvez ele tenha razão, e talvez de quem eu tenha mais medo é de mim própria. Há duas noites que não durmo. Que reflito e comparo... A nossa vida humilde, fazendo todos os dias as mesmas coisas talvez inúteis, é a vida? A resignação é a vida? É a pobreza e a desgraça — ou há outra vida? Quando ele fala — quando ele ri — quando os outros nos desprezam — quando o pai é escarnecido...

GEBO

Chiu!...

SOFIA

Quando quero gritar e tenho de tapar a boca...

GEBO

Então tu achas que ele tem razão e que fez bem em roubar?

SOFIA

Não, não é isso. Isso é impossível. O que eu acho é que há talvez outra coisa maior que não conheço mas que pressinto.

GEBO

Outra coisa?... outra coisa maior?

SOFIA

Outra vida, que não é a dele nem a nossa, outra vida maior. Talvez a verdade.

GEBO

No céu?

SOFIA

Na terra. Temos vivido aqui tantos anos e nenhum de nós se conhece. Durante o tempo que passou, houve um ser interior que se criou e de que nenhum de nós suspeitava. Um ser que me mete medo e atrai. Espere... eu não

posso, eu não sei exprimir o que sinto, mas compreendo que a vida não pode ser assim — não se pode ser pobre e desgraçado, pobre e humilhado. Neste mundo atroz, neste mundo onde não há a esperar piedade nem justiça, só os desgraçados é que têm de cumprir o seu dever?

GEBO

Não, filha, isso não! Isso não pode ser verdade!

SOFIA

Neste mundo onde se grita, ninguém ouve os gritos dos que sofrem? O pai chega até velho de rastos, com frio, quantas vezes com... oh meu Deus! Fale! Fale-me!

GEBO

Espera, filha, eu quero ver, mas não posso!... Eu também não sei, filha... Tu não percebes que também eu posso não ver? O que dizes... — por, o que não dizes — é a condenação de toda a minha vida. Esse negrume imenso sinto-o, pesa-me, esse negrume... Todos temos horas como estas. Às vezes também penso... Também cismo e como isto me dói! Mas não quero pensar! Não se deve

pensar senão no dever a cumprir. Então eu hei de de me arrepender de não ter feito o mal? hei de me arrepender de ter sido pobre e honrado?... Sim, na velhice talvez tenha um sentimento amargo e dúvidas que não têm razão de ser. Porque então é o mal que é preciso fazer! O mal! o mal!... (*Absorto.*) Se fosse isso... se... Queres então dizer que se eu não fosse honesto seria menos desgraçado? Não, não é isto, bem sei, filha... O que me dói dizer coisas que não entendo, o que me dói remexer no fundo de mim mesmo! Espera... O mal?...o mal não pode ser! Espera que eu veja... (*Absorto.*) O mal!...

SOFIA

Ver! se nós pudéssemos ver!

GEBO

Espera, então espera... (*Numa concentração dolorosa*). Isso seria a condenação de toda a minha vida... (*Meditando*). Quero dizer... quero dizer então que, seja como for, a vida não é um sacrifício, mas um gozo... Para isso cada um deve, primeiro que tudo enriquecer, ainda que calque os outros!... Seja como for! seja como for! E quem o não fizer é iludido. Deve ser

escarnecido... Espera... É justo que os que chegam à velhice pobres... — pobres e velhos!... pobres e velhos!... — sejam espezinhados até pelos que mais nos amam, neste mundo horrível!... Pior: serias tu, para quem eu vivi, que me havias de calcar. Espera...

SOFIA

Não, meu pai, não!

GEBO

Espera, deixa-me ver... Agora quero ver. Um mundo sem justiça. Então todos se levantariam para *me* acusar; então todos têm razão quando *me* chamam o Gebo? A vida!... filha, eu não posso ver!... És tu? Tu?... Oh isso não! Eu preciso *de* alguém que creia em mim, preciso *de* sentir a tua mão na minha mão. O pior horror seria esse! Seria a morte. Como isto *me* dói! Tu duvidares *de* mim e do sacrifício da minha vida... quando eu... Então eu próprio duvidaria de mim eu próprio, hã?... Pelos outros sim! mas por vós! por ti!... Mostrar-me o quê? Mostrar-me que foi iludido? Mostrar-me a mim mesmo, escarnecer-me a mim mesmo, hã? O escárnio! o escárnio! (*Põe-se a rir baixinho*). Quero ver! quero ver! Espera que quero ver e hei de ver!...

SOFIA

Meu pai! Não!

GEBO

Ver! (fita o vácuo com medo; depois num grito) Ver!... (Um momento a fisionomia endurece-lhe, transformada. É outro. Mete medo) Quero ver!

SOFIA, num grito de quem vai a tapar-lhe os olhos, grita.

Não! não! não!

GEBO, sucumbindo logo, mais baixo.

Como isto me dói! Como me dói que dizes, aqui no coração! Não é isso, não é isso... Não é que eu afinal não consiga entender. Tu não tens razão. Está claro como água: nós viemos a este mundo para cumprir o nosso dever. Não é isso que me dói. Sobre isso não pode haver dúvidas, filha! Escuta: Se não tivéssemos de cumprir o nosso dever, este mundo não era possível... A outra coisa... a outra coisa é que eu não entendo, uma coisa que me magoa como uma pedra aqui dentro... Que me dói

tão fundo!... Tenho cumprido sempre o meu dever e não sei se me tem servido para alguma coisa cumpri-lo... Nisso tens razão: riem-se de mim. E há uma voz que me prega que se eu não tivesse cumprido o meu dever, talvez tivesse sido mais feliz. Mas isto não pode ser — e dói-me. Isto não tem razão nenhuma de ser e aflige-me. Sim, há talvez outra coisa como tu dizes, mas é imaginária. Evidentemente a gente tem de se sacrificar e de cumprir o seu dever. Existe uma força superior... Se não fosse o senhor diretor que havia de ser da Companhia? Sim, sim, sim... Não pode haver dúvidas a este respeito. A outro respeito talvez...

SOFIA

Fugir... E se nós pudéssemos ao menos fugir? Para muito longe!...

GEBO

Fugir para onde? Ninguém foge à desgraça. À Companhia também não torno. Com que cara havia de aparecer ao senhor diretor? — «Ó Gebo, vamos a contas. Ó Gebo, quanto trazes? — Não trago nada senhor diretor». — Contar o quê? que havia de lhe contar? — «Gebo,

apresenta o dinheiro» — diria com toda a razão. Onde hei de ir buscar setecentos e tantos mil reis, quási um conto?

SOFIA

Mais nos valia morrer!

GEBO

Também não se morre assim. E ela? Tenho-lhe mentido sempre, passei a vida nisto: — eu a mentir e ela a sonhar. Não chores, vai para ao pé dela e fala-lhe.

SOFIA

Não saio de ao pé de si.

GEBO

O que é preciso nas grandes ocasiões é cada um saber qual é o seu dever. Aqui é que está a verdade. E depois cumpri-lo sem uma hesitação, ouviste? É a isto que se chama a linha do dever. Eu estou inutilizado. Sou menos

que nada. Morrer? Morrer é fácil, o que eu tenho é obrigação de me sacrificar. Eu cumpri sempre o meu dever na Companhia e na praça. Às vezes o dever é amargo, o dever é duro, mas o homem só se diferencia dos bichos em cumprir o seu dever. Tu ouves?

SOFIA

Eu ouço-o mas não o entendo. Se quer fugir e abandonar-nos ficamos nas mãos dele.

GEBO

Agora sou um tropeço, e mais nada. Talvez ele se arrependa e cumpra o seu dever. Vai para ao pé da tua mãe. Eu sei o que hei de fazer. Não cismes mais. O dever não é uma coisa que se pese para saber quanto dá. É a razão da nossa vida. Se não fosse o dever, não te tinha criado. Eras mais uma boca a sustentar. Todos no mundo carregam com este fardo. Suponho que seria uma alegria deitá-lo fora, mas nesse caso que era a vida? Pergunto-te... Ninguém mais ia à repartição, ninguém fazia senão a sua vontade, ninguém queria saber dos outros. Já vêes... *(Pondo o ouvido à escuta.)* Tu ouve-la?

SOFIA

Chora sempre.

GEBO

Só chora! Por minha causa tem chorado tantas lágrimas!... *(Vai escutar à porta.)* Chora... O resto não importa, o que é preciso é entregar-lhe o filho. A culpa foi minha, enganei-a sempre. Dizer-lho, seria matá-la por minhas próprias mãos. Não posso, não posso! Chora?

SOFIA

Chora.

Percebe-se que o Gebo toma uma resolução. Pega na carta de cima da mesa e rasga-a em pedaços.

GEBO

O meu dever é outro. *(Indo para a porta.)* Não chores mulher, está tudo arranjado.

SOFIA

Pai!

GEBO

Está tudo arranjado. (*Escutando.*) Já não chora, ouves?

SOFIA

Mas então como?...

GEBO

Agora deixa-me, vai sossegá-la. (*Leva-a para a porta.*) Vai.

GEBO, só

GEBO, *absorto.*

Como isto me dói! como isto me dói!... Mas então o que é o dever? É só uma palavra? é só uma palavra e mais nada? Não! não! (*Pausa.*) Vem a polícia e eu... Roubar não! toda a gente no comércio diz: — O Gebo é honrado. — Mas o que eu posso é... (*Escuta.*) Já não chora! já não chora!... O que eu posso é dizer: — Fui eu. — Como isto me

dói! (*Pausa.*) Digo: — «Sim, senhor comissário, fui eu. Saibam-no todos, fui eu. Confesso tudo. Tenho lido nos jornais que os ladrões não confessam, mas eu confesso tudo. Trouxe a mala para casa, todas as noites a trazia. Bem sabe que toda a gente confiava em mim. Já duma vez trouxe dois contos oitocentos e cinquenta mil reis. Eu era honrado, agora já o não sou. Roubei-o, gastei-o. Prenda-me senhor comissário. Fui eu que...». (*Pausa.*) Mas então é a mim que me prendem, levam-me para a cadeia. Não as torno a ver... Tenho o coração negro como a noite... É urna coisa tão funda que não sei donde vem. É uma voz que começa a falar baixinho e que a gente tem por força de sofrer e de ouvir. Uma coisa que não me pertence e de que me não consigo desfazer. Esta voz não é a minha voz e revolve-me, dói-me... Oh como isto me dói! como isto me dói!... Não, não posso ver! não quero ver! não te quero ouvir! .. A gente não pode pensar nestas coisas... que doem tão fundo!... Coitada da pobre!... Esqueceu-me de lhe dizer que há o bem e o mal, e a nossa inteligência não se fez senão para discernir o bem do mal... Uma casa de comércio bem ordenada... Se os livros não estão em ordem e a escrituração mal feita, no fim do ano ninguém se entende. Há uma linha de conduta que ninguém deve transgredir. Se me dão uma ordem, eu

que faço? Cumpro-a. Tenho-a cumprido sempre. Isto dói, mas se não doesse que mérito havia no sacrifício?... O que eu tenho é medo. Já hoje de manhã quando saí, um polícia se pôs a olhar para mim: — Lá vai o ladrão... — *(Respira mais fundo)*. E certo, a gente dá tudo aos filhos. E não tem obrigação de lhes dar a vida? Matá-la, antes matá-la!... Seria melhor matá-la... Oh! *(Escuta)*. Passos outra vez! Vozes na escada! São eles! são eles! *(Batem à porta)*.

GEBO, DOROTEIA, SOFIA, UM POLÍCIA,
CHAMIÇO, GENTE DO POVO

GEBO

Não abram! não abram! Mulher! filha! Esperem! Estão ali!
ali!

SOFIA, *correndo para ele*.

Não!

Gebo esforça-se por serenar. Ouve-se a gente fora falar mais alto. Abrem a porta e entram.

GENTE DO POVO

É ele! foi ele!...

GEBO, com simplicidade.

O ladrão sou eu, fui eu que roubei.

QUARTO ATO

Três anos depois. Uma sala mais pobre. As mulheres malvestidas.

SOFIA e CANDIDINHA

Candidinha espera. Aspeto trágico. Chapéu mais velho, chale mais gasto.

SOFIA, *entrando.*

Esperava-me?

CANDIDINHA

Esperava-te, ingrata. Trago-te aqui uma pinga. (*Tira a caneca debaixo do chale*). Vens da fábrica?

SOFIA

Saí agora. Estou cansada. A desgraça pode mais do que a gente.

CANDIDINHA

Goza a vida filha enquanto é tempo e nada de aflições. Quantos te hão de por aí dizer que és bonita...

SOFIA

Antes morrer!

CANDIDINHA

Morrer! morrer!... *(Mudando de tom)*. E o João?

SOFIA

Há dias em que nem o vejo. Quando vem a casa é para levar algum trapo para o prego. Eu trabalho porque é preciso que a velha coma. Se não fosse ela...

CANDIDINHA

Aí tornas tu... O que sofres já eu sofri ou pior. Neste mundo só há dor e vaidade... Os homens! os homens!... E ainda tu tens isto (*apontando-lhe a cara*) que nada paga.

SOFIA

Isto?

CANDIDINHA

Esta frescura da mocidade. Mas deixa-te ir para velha e verás! É pior do que trazer uma pedra no coração sem a poder arrancar. E se a gente se queixa, riem-se. (*Sofia chora*). Mas não chores, filhinha, que as lágrimas põem a gente feia. É para o que servem. A mim já não há desgraça que me arranque uma lágrima. E o velho não escreve?

SOFIA

Nos primeiros meses ainda escreveu.

CANDIDINHA

E vós íeis vê-lo?

SOFIA

Às vezes, mas ele teimava sempre em não querer. Depois mudaram-no de cadeia e as cartas rarearam. Há muito já que não escreve.

CANDIDINHA

E quando sai filhinha?

SOFIA

Está a acabar a pena. É o que nos vale. Olhe que às vezes penso em me deitar ao rio. Já lá vão três anos e nunca mais tive senão lágrimas. Choro noites a fio quando me deixam chorar.

CANDIDINHA

Também eu na tua idade pensei assim e olha que tenho pena de não ter tido coragem. Acabava-se tudo. Tinha

sido melhor. Sabes lá o que passei!... Pior do que tu. Fui como tu espancada, batida, servida. Na tua idade, flor, o meu homem pôs-me na rua como quem escorraça um cão e nem uma côdea para a boca... Depois habituei-me à desgraça. Mas olha que tenho pena de não ter morrido. A água fez-me sempre um medo...

SOFIA

Para o que a gente nasce!... Só para sofrer.

CANDIDINHA

Só! Quem é pobre é para o que nasce. Depois vem a velhice e ainda é pior. E se a gente pede pão dão-nos escárnio. Eu ainda tenho experiência da vida que é o que me vale... Olha vou-to dizer porque sou tua amiga. (*Mais baixo*). Tenho-lhes ódio, odeio todos esses ricos que me fazem bem e que me dão de comer. Eles dão-me de jantar mas é por vaidade, para dizerem lá consigo: — «É por caridade, cá temos hoje a Candidinha por esmola.» — Eu abaixo a cabeça e humilho-me, mas se tu soubesses a inveja e o ódio que lhes tenho! A Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastos como a cobra. Um vestido de seda, um chapéu, as suas alegrias, as maiores e as mais

pequenas, tudo lhes invejo, tudo!... Às vezes de tanto invejar fico com uma dor aqui. Até me vem a palpitação. E como eu me alegro quando há desgraça numa casa!

SOFIA

Não diga isso!

CANDIDINHA

Digo, digo! Pois quant'ê!... Então tu pensas que posso ver alguém feliz, eu que nunca tive senão misérias? Eu que nunca comi à minha vontade e que ando vestida de trapos quando nasci para trazer sedas como as outras? Eu cá ainda que possa não faço bem a ninguém... Com que cara triste entro numa casa onde aconteceu desgraça. Se tu visses!... Mas cá por dentro vou a dizer num repique: — É bem feito! é bem feito! — E a minha vontade era dizê-lo cara a cara. Mas não posso — a Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastro como a cobra. Até fico doente quando as coisas lhes correm bem. Ai, minha filha, mas que se há de fazer? A gente precisa da côdea senão rebenta para aí a um canto. Nós que nascemos para a desgraça temos de nos sujeitar, e aos ricos deve-se

obediência. São eles que podem tudo e que dispõem de tudo.

SOFIA

Mais nos valia afinal morrer!

CANDIDINHA

Não dizes hoje outra coisa. Pois é claro que valia, filha, mais valia. Mas o pior é a coragem. E depois de velha a gente ainda se apega mais a isto... Neste mundo há três coisas que só se podem avaliar quando se chega à minha idade: — Os homens, o dinheiro e a morte. Os homens!... Engana o teu, mente-lhe. Olha que ele faz-te o mesmo... O meu homem! Também eu dizia o mesmo noutros tempos. Hás de ter o pago que eu tive.

SOFIA

Acabou-se! acabou-se!

CANDIDINHA

Fazes bem. E com esta adeus. Tenho de ir ainda a casa das Cardosos, das FONSECAS, das PEREIRAS. Que sejam todas tão desgraçadas como eu fui e que em vez de risos chorem lágrimas de sangue. Adeus, filha, este mundo é um mundo de enganos. Adeus. E segue os meus conselhos: Quando ele te ameaçar bate-lhe o pé, não te deixes calcar que é pior. (*Reparando em Doroteia que entra*). Ora viva!

As mesmas, DOROTEIA E JOÃO

DOROTEIA

Levantei-me agora.

CANDIDINHA

E como vais?

DOROTEIA

Melhor, melhor.

CANDIDINHA

É o que eu digo sempre: — Não há como a desgraça para curar as doenças do coração. Nem a gente tem tempo para pensar nessas coisas. (*Reparando em João que entra pelo fundo*). Então como vai essa bizarria?... Falai no mau...

JOÃO, *para Sofia*.

Eu já te tenho dito que não quero esta mulher cá em casa.

CANDIDINHA

Mulher! Veja lá como fala!

JOÃO, *aponta-lhe a porta e assobia*.

CANDIDINHA

Vou, mas olhe que não vim aqui pedir nada.

JOÃO, *assobia mais alto*.

CANDIDINHA

Eu sou uma pessoa de consideração, recebida em todas as casas, nas Pintos, nas FONSECAS, nas Meireles. Não sou nenhum lagalhé. *(Sai traçando o chale)*.

JOÃO

A trouxa?

SOFIA

Está no quarto.

DOROTEIA

Filho!

JOÃO

Deixem-me! *(Sai)*.

DOROTEIA

Senta-te ao pé de mim. Queria-te dizer... queria-te dizer, mas não posso...

SOFIA

Que tem? sente-se pior?

DOROTEIA

Não, o que eu queria era... Há muitas noites que não durmo a cismar. Quanto falta ao velho para cumprir a pena?

SOFIA

Pouco tempo.

DOROTEIA, a sua mão procura a mão de Sofia.

Queria-te dizer que tu é que és a minha filha. Tudo, agora vejo tudo. Mas o que me custou a matar este sonho, que me tinha levado tantos anos a criar! Vejo agora o que tu e o velho sacrificaram por mim. O que terá sofrido! Hei de dizer-lhe... nem sei o quê... tudo!

SOFIA

Qualquer dia aparece-nos aí.

DOROTEIA

Ele é também a única esperança que te resta? E outra coisa ainda te quero confessar, outra coisa em que cismo dia e noite... (*Mais baixo*). Eu suspeitava tudo, eu tinha adivinhado tudo. Tudo... Tu compreendes isto que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe? Eu soube sempre tudo.

SOFIA, *baixo*.

Que ele era ladrão?

DOROTEIA

Sim.

SOFIA

Que foi ele que roubou?

DOROTEIA

Sim.

SOFIA

E pôde?! e deixou?!

DOROTEIA

Suspeitava tudo. E calei-me. A certeza não a queria ter, a verdade não a podia ver. Precisei sempre a mentira, não só da mentira que eu construí, mas da mentira dos outros para poder viver. Tinha-o criado. Era o meu filho.

Enquanto todos os que me rodeavam não pudessem dizer-me: — É um ladrão — eu podia defender uma sombra, manter de pé uma sombra viva. Nem tudo morre, nem tudo está definitivamente morto, enquanto alguém sofre. Fiz-vos sofrer! fiz-vos sofrer não sei porque impulso não sei porque necessidade de que sofressem comigo...

SOFIA

Sabia e calou-se!

DOROTEIA

Parecia-me que assim não era totalmente desgraçada, parecia-me que assim ele não era totalmente desgraçado.

Há mentiras que podem mais do que verdades e a que gente se apega com desespero. Há mentiras que precisam de gritos e de alguém que as defenda até ao último extremo.

SOFIA

Sabia e calou-se! À custa de tantas lágrimas! Sabia e pôde calar-se!...

DOROTEIA

Suspeitava tudo. Sabia tudo. Alguma coisa maior me obrigou a calar... Era o meu filho, era também o meu sonho. Era o que eu teci anos atrás de anos sempre calada. Vocês fingiam — eu fingia. Vocês desabafavam, eu sonhava... E assim mantivemos de pé uma vida, que, sem a mentira, não teria razão de existir. (*Choram.*)

As mesmas, o GEBO e depois JOÃO

*O Gebo aparece à porta. Vem
sinistro, mais gordo,
enlameado, com a barba por
fazer. Voz rouca, bengalão preso
ao pulso por uma correia, uma
trouxa que pousa no chão ao pé
de si.*

GEBO

Então temos música no prédio? *(Silêncio de espanto.)*

SOFIA

Pai! meu pai!

DOROTEIA

Meu homem!

GEBO

Sou eu... sou eu, é verdade... Que querem? Sch... sch...
(*Gesto que as detém.*) Sou eu. Que estavam vocês a fazer?
(*Silêncio.*) Que estão vocês a olhar para mim espantadas?
Sou eu... (*Senta-se.*) Não há por aí nada que se beba?

SOFIA

Pai!

GEBO

Ah, sim, sim!... É que na cadeia a gente aprende. O que eu aprendi na cadeia! Foi como se me abrissem os olhos. Na *choça* sabe-se tudo. Lá é que destapam os *lúzios* à gente.

Doroteia e Sofia olham-no com terror.

DOROTEIA

Queria pedir-te perdão.

GEBO

Deixemo-nos de lérias! Não me importo de estar na cadeia...

SOFIA, aproxima-se de Doroteia.

GEBO

Lá aprende-se tudo, o que é na vida e o que vale a vida. A princípio custou-me... à minha volta e — pior! pior! — cá dentro, numa escuridão cerrada, só ouvia gritos e apupos: - Ó Gebo! ó Gebo, tu roubaste! - Todos se riam de mim. Se contava a minha vida, o pão pelos outros, o sacrifício pelos outros, respondiam-me com risos de escárnio: Ó Gebo! ó Gebo! — Mas pior! foi pior! ... O que eu sofri para compreender a mim e aos outros, o que eu sofri com desespero e com gritos. — Ó Gebo! ó Gebo! ... - E cada vez mais negro, cada vez maior a escuridão à minha volta. O que eu sofri para ver!... A luz — não esta luz que nos alumia — mas outra luz, não a tornei a ver, nem encontrei a que deitar as mãos. Eram homens como eu nunca vi homens, e vozes, como eu nunca ouvi vozes, cá dentro! aqui dentro a pregar, a aqular, cada vez mais alto e cada vez mais fundo. Ah, o que eu sofri! ... Desespero e à

minha volta os que roubam e os que matam... Uns vivos, outros mortos. Ah, essas noites não as dou por nada deste mundo, as noites em que a luz se foi fazendo cada vez mais clara. Eu sacrificara-me, para que os outros se rissem de mim. Para que... Esperem! esperem!... Houve então uma hora em que eu mesmo me ri de mim, tão alto! tão alto! que todos os ladrões se calaram... (*Respira fundo.*) Uma hora em que entendi tudo e todas as vozes dentro em mim se sumiram com medo à minha própria voz. (*Mudando de tom.*) A gente só se não arrepende do mal que faz neste mundo.

JOÃO, *que ao entrar estaca um momento à porta e ouve as últimas palavras de Gebo.*

Só.

GEBO

Ah, és tu? és tu, hã? (*Ri-se.*)

JOÃO, *ri-se.*

Sou eu, velho. (*Encaram-se um momento.*)

GEBO

Velho é o diabo! Chama-me o *Lesma* se queres como os ladrões me chamavam. Eu sou um ladrão. Sim, no princípio lembravam-me as mulheres e doía-me o coração de saudade. Mas depois o que eu me ri! Toda a gente se ri de quem é Gebo. Agora rio-me eu, rio-me do que sofri. E quando um dia cem ladrões clamaram virados para mim: - Ó Gebo! ó Gebo! — eu gritei-lhes: — Haja aí quem me chame o Gebo que eu o estrefego. — Eu tinha boca e nunca tinha gritado, força e nunca tinha feito sofrer! (*Mudando de tom.*) Então não há por aí nada que se beba?

JOÃO

Vamos beber lá fora.

O Gebo deita-lhe a mão ao ombro e fala-lhe ao ouvido. Voltam costas e vão saindo muito juntos.

SOFIA, *num grito.*

Foi tudo inútil! foi tudo inútil!

João e gebo saem enquanto as duas se abraçam soluçando.